

RESENHA

*Breno Macedo**

BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração evangélica**. São Paulo: Os Puritanos, 2015.

As várias visões sobre o culto público do povo Deus e sobre como ele deve ser adorado desencadearam desde a década de 80 as famosas “guerras do louvor” (“worship wars”). Engajados nessa “batalha” estão soldados dos mais diversos exércitos: desde aqueles que pensam que não há limites para a atuação da imaginação e da criatividade na esfera do culto até aqueles que entendem que Deus regula restritamente até mesmo a letra dos cânticos entoados a ele (salmódia exclusiva). Entretanto, no calor intenso da batalha, algumas vezes falta a luz, os motivos, por trás de decisões, atitudes e opiniões. Os líderes dessa guerra são rápidos em afirmar aquilo que pensam, a ditar aquilo que deve ou que não deve acontecer quando os cristãos se reúnem para o culto, mas são lentos, e até mesmo negligentes, em fornecer as bases e os fundamentos de suas opiniões. Falta a eles a sensibilidade pastoral de ensinar ao povo de Deus através da própria Escritura as razões bíblicas de suas posições.

Jeremiah Burroughs (1599-1646) sabia que o povo de Deus precisava ser instruído. Participante da Assembleia de Westminster e tido por Richard Baxter como um puritano moderado cujo exemplo, se seguido, poderia resolver todas as divisões da Igreja da Inglaterra, Burroughs sabia que o que a Igreja precisava era aprender os porquês bíblicos das permissões e proibições que caracterizam a vida cristã, especialmente na área da adoração. O seu livro *Adoração Evangélica* é uma ótima demonstração do seu lado catequético

* Obteve o grau de M.Div. no Greenville Presbyterian Theological Seminary (Carolina do Sul), de Th.M. no Puritan Reformed Theological Seminary (Michigan) e cursa o doutorado (Ph.D.) na University of Free State, África do Sul, com concentração em teologia histórica. Leciona no Seminário Teológico Presbiteriano do Nordeste, em Teresina, e é professor visitante do CPAJ.

e pastoral no qual ele ensina de uma maneira lúcida, atrativa e acolhedora aquilo que ficou conhecido no meio reformado como o princípio regulador do culto.¹ Ao contrário da maioria dos livros sobre o culto, esse não é dividido propriamente em capítulos, mas em sermões, 14 no total, e em cada um deles Burroughs associa a descoberta e o ensino de profundas verdades teológicas com um piedoso apelo aos sentimentos e à consciência do leitor.²

Ele não se apressa no desenvolvimento de cada um de seus tópicos; pelo contrário, utiliza o tempo que julga necessário para o aprendizado de sua congregação e para que ela aplique consistentemente aquilo que foi ensinado. Por exemplo, ele utiliza dois sermões na explicação de como os cristãos santificam o nome do Senhor enquanto ouvem a palavra pregada durante o culto público. Um outro exemplo são os três sermões utilizados para ensinar aos adoradores o papel dos sacramentos, seus benefícios e como o cristão santifica o nome do Senhor através da administração dos mesmos. Portanto, muito mais do que um manual de teologia do culto *Adoração Evangélica* é um manual pastoral.

Para Burroughs, a adoração está intimamente associada com a santificação do nome do Senhor. Ele desenvolve sua teologia bíblica da adoração por meio do exemplo de Nadabe e Abiú, adicionado às palavras de Moisés a Arão em Levítico 10. Ele sistematiza seu pensamento em três proposições básicas: “(1) Na adoração a Deus, há uma aproximação dele; (2) Quando nos aproximamos de Deus, devemos ter o cuidado de santificar-lhe o nome; (3) Se não santificarmos o nome de Deus quando nos aproximamos dele, então com certeza Deus santificará seu próprio nome sobre nós” (p. 21). De acordo com Burroughs, Deus é santificado de duas maneiras: “... pela santidade do seu povo na sua conduta para com ele, mostrando a glória da santidade Deus... Mas, se não fizermos isso, Deus santifica a si mesmo com juízos sobre aqueles que não santificam o seu nome mediante comportamento de santidade” (p. 17). Essa ideia da santidade de Deus sendo externalizada pela santidade do povo em todas as áreas da vida, incluindo a esfera da adoração, é um argumento extremamente poderoso e eficaz no coração do cristão genuíno.

Burroughs, então, aplica pastoralmente o princípio da santificação do nome de Deus ao princípio regulador do culto. Uma vez que o cristão é obrigado a santificar o nome do Senhor quando se aproxima dele, e faz isso no momento da adoração, tendo em vista o exemplo de Nadabe e Abiú a conclusão

¹ *Adoração Evangélica* é apenas um volume de uma série de tratados relevantes para a vida cristã escritos por Burroughs. Outros volumes da série são: *Conversa Evangélica* (1650); *Reconciliação Evangélica* (1655); *Remissão Evangélica* (1661). Todos esses são coletâneas de sermões pregados por Burroughs a sua congregação desenvolvendo os tópicos correspondentes.

² Nesta tradução o leitor perceberá que os capítulos de fato foram sermões transcritos à medida que ele interagia com o texto. No original em inglês os capítulos são claramente identificados como sermões.

é que o adorador precisa cultuar a Deus da maneira como ele mesmo ordena. “Eles ofereceram fogo que Deus não havia ordenado. Por isso digo que todas as coisas na adoração a Deus precisam ter autorização da Palavra de Deus. É necessário que seja algo ordenado; não é suficiente que não seja proibido” (p. 22). Burroughs explica de uma maneira muito interessante o que era aquele “fogo estranho” oferecido pelos sacerdotes desobedientes. Depois de explicar o seu sentido literal (que aquele era um fogo procedente de um outro lugar que não o altar) e de aplicar esse sentido da expressão à execução de elementos litúrgicos não ordenados, Burroughs mira o coração dos leitores levando-os para a esfera das emoções e dos sentimentos. Ele afirma: “Acima de qualquer outro fogo estranho, tomem cuidado com o fogo estranho da paixão e da ira, especialmente na adoração a Deus” (p. 37-38). Em outras palavras, de acordo com Burroughs, alguns trazem fogo estranho perante o Senhor não apenas quando algo não ordenado em sua santa palavra é praticado no culto público, mas também quando a igreja traz para a adoração sentimentos, pensamentos e sensações não dignas daquele momento tão sublime e sacro.

Burroughs utiliza boa parte do livro para explicar a importância da participação do adorador no culto público ao Senhor e a necessidade de preparação para se aproximar do santíssimo Deus em adoração. Ele estabelece uma relação entre as ideias de aproximar-se de Deus e de cultuar a Deus. Ele aponta três fatores que conectam as duas atitudes: (1) quando nos achegamos para a adoração estamos cumprindo nosso papel como criaturas na entrega a Deus daquilo que devemos a ele; (2) nos aproximamos de Deus na adoração porque esse é o momento específico que ele “usa para comunicar suas maravilhosas, preciosas, esplêndidas e gloriosas misericórdias ao seu povo” (p. 52); (3) é especialmente quando um cristão aproxima-se de Deus em adoração que ele põe em prática sua “fé e humildade e todas as virtudes do Espírito” (p. 53). Se o leitor ainda não tiver sido convencido de que ele não apenas deve apresentar-se diante de Deus em adoração, mas que sua própria alma necessita desse momento de culto público, Burroughs adiciona que “se adorar a Deus é aproximar-se dele, então negligenciar a adoração a Deus é afastar-se dele” (p. 59).

Quanto à preparação para a adoração, de acordo com Burroughs, ela é equivalente ao chamado bíblico para a purificação antes da entrada na santa presença de Deus. Para ele é um erro tremendo um cristão adentrar a adoração sem preparação: “Grande parte do tempo da adoração geralmente é desperdiçado antes mesmo de conseguirmos trazer nosso coração até a adoração. Esse é um grande e lamentável mal, perder qualquer parte do momento da adoração” (p. 77). Burroughs não se limita a apresentar apenas críticas. Mantendo o seu excelente tom pastoral, ele oferece cinco ações como forma de remediar o problema da preparação: encher o coração com a perspectiva adequada de quem Deus é; esvaziar o coração de todos os padrões pecaminosos; desconectar o coração de todos os assuntos temporais e terrenos; estar em constante vigília

e oração; colocar a alma, a razão e os dons do Espírito em um estado de alerta para o exercício do santo dever (p. 82-86). Por meio dessas sugestões práticas, Burroughs envergonha muitos que promovem hoje a visão de pureza associada ao culto. Enquanto esses fazem muito barulho através de suas reclamações e palavras grosseiras, ao mesmo tempo não se preocupam em ser persuasivos e práticos. Talvez o fato de estarem corretos em suas críticas os tornem cegos para a necessidade de ganhar aqueles que se opõem. Burroughs, o puritano inglês, por outro lado, direciona seus argumentos para atingir a consciência do povo de Deus, aliando correção a sugestões práticas, visando assim a persuasão.

Um outro aspecto da adoração importante para Burroughs é a glorificação de Deus por meio do ouvir a sua palavra. Sua argumentação se baseia no texto de Lucas 8:18: "...vede, pois, como ouvis". Ele demonstra que ouvir a palavra é parte integrante da adoração pública (elemento de culto) e, portanto, deve ser executada com alto grau de zelo. Burroughs afirma que os cristãos precisam se preparar para esse elemento e lembra que Deus santificará seu nome tanto naqueles que se preparam quanto naqueles que negligenciam essa obrigação para a recepção de sua palavra pregada. É impressionante notar a maneira prática e experimental com a qual Burroughs coloca diante do leitor as formas por meio das quais ele pode santificar o nome de Deus ao ouvir um sermão. Ele enfatiza que um coração temente, a sujeição humilde à autoridade da Palavra, o receber a Palavra com alegria e contentamento, dentre outras maneiras, são formas de exercitar o dever de santificar o nome de Deus quando ouvindo sua palavra (p. 196-200).

A administração dos sacramentos, sendo parte integrante da adoração evangélica, também faz parte do exame cuidadoso e pastoral de Burroughs. Aqui ele foca na ceia do Senhor e seus sermões não devem ser considerados como expressões completas do seu pensamento teológico nessa área. Seu claro objetivo é fornecer conselhos piedosos quanto à participação desse sacramento: como o cristão deve aproximar-se da mesa do Senhor? Seu ponto de partida é demonstrar que a ceia é de fato um elemento ordenado por Deus para sua adoração. Ele lembra ao leitor que Deus deve ser santificado quando esse elemento está presente no culto e que os adoradores precisam se preocupar em como eles santificarão a Deus quando participam da mesa. A ênfase aqui é na natureza corporativa da ordenança. Como a igreja é um só corpo, todos os seus membros vêm juntos para participar dos elementos desse sacramento. Essa ênfase é uma clara reação à prática romanista na qual os elementos da ceia eram tomados apenas pelos sacerdotes representando a congregação (p. 286-287). O puritano inglês também instrui quanto àquilo que ele denomina "autodisciplina". De acordo com sua crítica, havia alguns que estavam se ausentando da mesa tendo como fundamento a acusação de que pessoas indignas estariam participando do sacramento. Burroughs condena essa prática e coloca a responsabilidade de afastar os comungantes indignos da ceia nos ombros tanto dos ministros

quanto dos membros da igreja. Quanto a esses últimos ele afirma: “Não digas: ‘O que é que eu tenho a ver com meu irmão? Sou, por acaso, cuidador do meu irmão?’ Isso foi o que Caim disse. Se vocês pertencem ao mesmo corpo, precisas expressar cuidado por teu irmão” (p. 295).

Burroughs entende a importância dos sacramentos e reconhece que, se um homem está desprovido de um instrumento ordenado para a edificação de sua alma, ele deve então procurar um outro grupo (uma outra igreja) no qual tal instrumento não lhe seja negado. Ele explica que isso não é ser divisionista ou cismático, desde que a separação não seja fruto de “um espírito maldoso, de inveja ou má intenção, de falta de amor, ou ... de quaisquer finalidades vis e desonestas e sem nenhum fundamento justo” (p. 301). Longe de fomentar brigas entre cristãos, o teólogo puritano estimula a paciência e a tolerância para com uma igreja faltosa desde que haja esperança para a sua reforma.

O livro é uma verdadeira joia. Em meio às acusações de que os puritanos ingleses tinham uma teologia seca e morta, o livro serve para demonstrar como, mesmo do púlpito, o pensamento puritano era caloroso, prático e experimental. Em meio a tanta confusão quanto à adoração do povo de Deus, o livro oferece ao leitor o que há de melhor na teologia bíblica e reformada no que diz respeito a esse assunto. Não é um tratado sistemático sobre o culto, mas traz uma abordagem piedosa, cheia de sugestões de como um cristão pode tirar o máximo de benefício da adoração a Deus. Burroughs, falando há tanto tempo, desperta a igreja moderna para os benefícios espirituais e para as enormes benesses reservadas ao povo de Deus na adoração bíblica.